

ASSALTOS NAS PROXIMIDADES DA UNEB – CAMPUS X: um estudo sócio-biológico

Reynan Leal Ferreira¹

Amanda Gomes Mozer²

Érica dos Anjos Almeida²

Gabrielle Gomes dos Santos Pacheco²

Luma Ferreira Franca²

Samuel Santos Braga¹

Olga Suely Soares de Souza³

RESUMO: A violência remonta o início dos tempos. Ela está enraizada na história de nosso país desde a colonização (MINAYO, 1994). O índice de violência em Teixeira de Freitas tem crescido de maneira preocupante. De acordo com o Instituto Sangari, que divulgou no dia 8 de maio de 2012 os números pesquisados em todo o território nacional relacionados com o ano de 2010, Teixeira de Freitas aparece na 35ª colocação entre os municípios mais violentos. Além do que, no mapa Estadual, a cidade ocupa a 6ª posição. Assim, este estudo objetivou investigar acontecimentos em prática (isto é, os assaltos nas proximidades do *campus X* da UNEB); o que nos remete a atentar para a vulnerabilidade dos alunos da instituição, a precariedade da segurança pública da cidade de Teixeira de Freitas e as possíveis implicações desses episódios de violência urbana no que tange a qualidade de vida. Para a realização deste, adotaram-se pressupostos teórico-metodológicos qualitativos e quantitativos da pesquisa social. Sob uma perspectiva fundamentada no método estatístico-epidemiológico (LAKATOS e MARCONI, 1994), precedemos, pois a aplicação de questionários para 20% dos discentes do DEDC-X. De tal modo, buscou-se verificar a ocorrência ou não de efeitos diretos e/ou indiretos dos assaltos ao bem estar/saúde da comunidade acadêmica. Frente ao espaço amostral de 194 sujeitos, na qual foram aplicados os questionários, dentre outros aspectos, observou-se 140 (72%) pertence ao sexo feminino e apenas 54 (28%) pertencente ao sexo masculino. No que se refere à faixa etária, notou-se que há uma predominância de pessoas cuja idade varia entre 16 e 25 anos sendo representados por cento e vinte e sete (127) indivíduos. Com uma grande discrepância é seguido por quarenta e nove (49) indivíduos contendo 26-35 anos, treze (13) na faixa de 36-45 e apenas cinco (05) possuindo acima de 45 anos de idade. Ao serem indagados se tinham ciência de alguém que já tinha sofrido assalto nas redondezas do *lôcus* de pesquisa, 78% responderam que sim, enquanto apenas 22% tiveram a resposta negativa. Tal percentagem evidencia o quão natural e frequente está a deficiência na segurança pública, nas proximidades do objeto de estudo. Corroborando essa ideia, 22% dos sujeitos questionados já foram vítimas de assaltos nas proximidades. Nota-se que há uma relação direta da sensação de [in]segurança para com a ocorrência dos assaltos em torno do *campus*. De certa forma, estes episódios de violência interferem na qualidade de vida da comunidade acadêmica. Mediante o estudo, fica-se clara a necessidade da realização de investigações mais abrangentes e complexas para a discussão – e, sobretudo – solução da problemática em questão.

PALAVRAS-CHAVE: Método estatístico-epidemiológico; Qualidade de vida; Saúde coletiva; Violência urbana.

¹ Acadêmicos do curso de Ciências Biológicas – Universidade do Estado da Bahia/UNEB – Campus X. Bolsistas do PIBID – Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência/CAPES E-mail: reynanferreira@hotmail.com; samuelsantosbraga@hotmail.com

² Acadêmicos do curso de Ciências Biológicas – Universidade do Estado da Bahia/UNEB – Campus X. Mandyynha.mozer@gmail.com; almeidaerica5@gmail.com; gabrielle.s.pacheco@gmail.com; lufranca@hotmail.com

³ Doutora em Educação – Universidade Federal da Bahia/UFBA, docente da UNEB – Campus X. E-mail: olga@ffassis.edu.br

INTRODUÇÃO

A violência acontece desde o início dos tempos. Ela está enraizada na história de nosso país desde a colonização. Sua recorrência vem se fazendo cada vez mais presente em nosso dia a dia; e suas formas foram evoluindo, se aprimorando e se diversificando (MINAYO, 1994).

O que se convencionou a chamar de violência urbana – assassinatos, sequestros, roubos e outros tipos de crime contra pessoa/ patrimônio – se constitui como uma das maiores preocupações da sociedade brasileira contemporânea nas duas últimas décadas. (ADORNO, 2014).

No mundo dos animais não-humanos a violência se faz presente como uma forma de manutenção a sobrevivência. Neste meio, atitudes de violência se fazem necessárias, pois é através destas que se estabelecem e cristalizam as relações de poder para manutenção e perpetuação das espécies (COSTA, 1999). Valendo-se dos mesmos princípios, o homem também se utilizou da violência como meio de sobrevivência.

A violência atualmente adquiriu um caráter endêmico atingindo diversas pessoas, vítimas de todas as faixas etárias e classes sociais, afetando os cidadãos tanto fisicamente, mentalmente quanto financeiramente (IZUMINO e NEME, 2002). A ilegalidade não para de ser potencializada através do desemprego e pela ausência de renda. E é então a partir deste contexto que este fator se converteu em um problema de saúde pública.

Hoje em dia, a violência não é mais um ato de um indivíduo sobre outro; esta é o resultado de um sistema social que proporciona oportunidades, mas não permitindo igualdade entre seus membros (GULLO, 1998).

Assaltos: um ato de violência urbana do tempo presente

A violência é um fenômeno social complexo, onde até pouco tempo atrás, esta tinha uma abordagem limitada pelo campo da saúde. Entendendo que a mesma influencia necessariamente em aspectos sociais e psicológicos e com vista a determinar pontos de possível intervenção biopsicossocial, cresceu a preocupação dos profissionais da área da saúde em relação a este problema. Entende-se ainda que a violência urbana afeta a qualidade de vida, interferindo na integridade emocional e provocando sequelas.

O índice de violência em Teixeira de Freitas tem crescido de maneira preocupante. De acordo com o Instituto Sangari, que divulgou no dia 8 de maio de 2012 os números pesquisados em todo o território nacional relacionados com o ano de 2010, Teixeira de Freitas

aparece na 35ª colocação entre os mais violentos. Além do que, no mapa Estadual, o município ocupa a 6ª posição. Outro índice considerou as taxas de violência a que os jovens de 12 a 29 anos de idade estão expostos, considerando homicídios, mortalidade no trânsito, pobreza, desigualdade socioeconômica, frequência dos jovens nas escolas e o acesso ao mercado de trabalho. Segundo apuração do Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP) e Ministério da Justiça, a Bahia concentra cinco dos dez municípios com os maiores índices de vulnerabilidade juvenil à violência (IVJ-Violência), e Teixeira faz parte dessa lista. O levantamento comparou os dados de 2007 e 2010, em 283 cidades brasileiras com mais de 100 mil habitantes em 2010.

Outros dados são do “Mapa da Violência 2013 – Homicídios e Juventude no Brasil” (disponível em: <http://mapadaviolencia.org.br/mapa2013_jovens.php>), divulgado pelo professor Julio Jacobo Waiselfisz, da Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais, Teixeira de Freitas se encontra em 19º lugar no ranking nacional.

Os assaltos ocorridos nas proximidades da instituição de ensino em questão, a UNEB – *Campus X*, tem sido alvo de discussões no âmbito da comunidade acadêmica (discentes, docentes e demais servidores). Por isso, o *objetivo* de estudar esses acontecimentos em prática, nos remete a investigar a vulnerabilidade dos alunos da instituição, a precariedade da segurança pública da cidade de Teixeira de Freitas e as possíveis implicações desses episódios de violência urbana no que tange a qualidade de vida humana – sob uma perspectiva sociológica e biológica. A realização desta pesquisa possivelmente nos leva a entender os aspectos gerais de saúde (abrangência social) do problema em questão. Além do que, o compartilhamento posterior das informações (compromisso/papel de fundamental importância do conhecimento acadêmico-científico) que possivelmente serão alcançadas com este estudo potencializará a sociedade em sua tomada de ações futuras.

O PERCUSO METODOLÓGICO

Para a realização deste estudo empregou-se pressupostos teórico-metodológicos qualitativos/quantitativos. Como é sabido, as pesquisas quali são comumente associadas a interesses de pesquisa tipicamente subjetivistas. Em contrapartida, pesquisas quanti na maioria das vezes respondem às requisições do paradigma ‘positivista’, cujo interesse de análise é centralizado na consignação de leis causais.

Pesquisas quali são percebidas como adequadas a uma abordagem em que o foco do trabalho recai sobre a investigação do ponto de vista subjetivo dos indivíduos e suas formas

de interpretação do meio social onde estão inseridos (DENZIN e LINCOLN, 2005). Caracterizam-se por estudos flexíveis, em que as descobertas de campo levam a desdobramentos que guiam o pesquisador em seus passos (RAGIN e BECKER, 1992).

Nas pesquisas quanti, o material coletado deve ser mensurado e condensado em variáveis. A comparação da variação das variáveis de interesse permite ao pesquisador o estabelecimento de leis gerais sobre o comportamento social.

A dicotomia entre quali e quanti é vista com suspeita por vários autores, levando à busca de pontes entre os dois campos (MORGAN, 2007). Vários autores sugerem que essas abordagens *não são* excludentes e que o pesquisador deve adotar uma postura flexível, considerando uma possível integração entre pesquisas quanti e quali (TEDDLIE e TASHAKKORI, 2003).

Assim, nesta pesquisa, empregou-se também levantamento estatístico. Fundamenta-se cientificamente no método estatístico² como base metodológica para a realização deste estudo. Lakatos e Marconi (1991) apontam que “os processos estatísticos permitem obter, de conjuntos complexos, representações simples e constatar se essas verificações simplificadas têm relação entre si.” (p. 108).

Utilizaram-se também técnicas de sistematização (gráficos) da análise epidemiológica. A epidemiologia da violência, a rigor, é a aplicação da epidemiologia, enquanto estudo da frequência de agravos à saúde e seus determinantes no estudo da violência, o ato violento (agressão) de constrangimento físico ou moral, através do uso da força e coação, como se denomina na esfera jurídica.

Precedemos a aplicação de questionários destinados a um espaço amostral 190 (o que corresponde a 20%) dos acadêmicos da comunidade *campus* X da UNEB. Por fim, foi feita a análise/sistematização das informações.

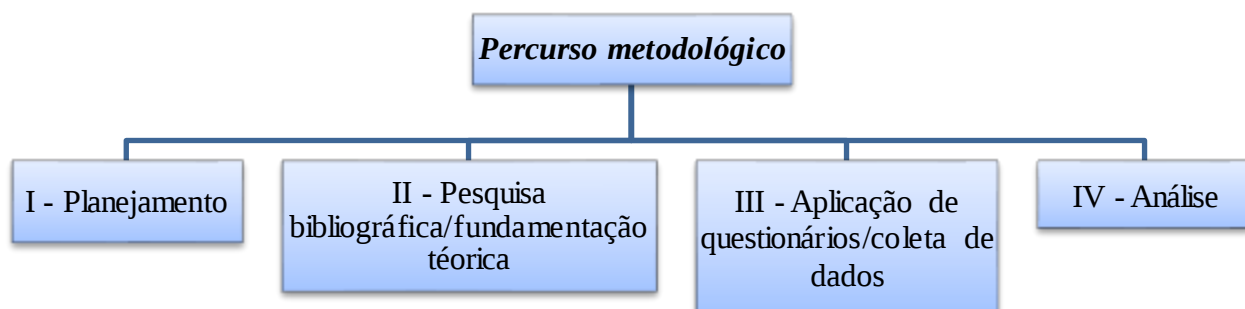


Figura 1: esquema demonstrando de forma sistemática e simplificada a metodologia empregada.

² Estatística é a ciência que se utiliza das teorias probabilísticas para explicar a frequência da ocorrência de eventos, tanto em estudos observacionais quanto em experimento modelar a aleatoriedade e a incerteza de forma a estimar ou possibilitar a previsão de fenômenos futuros, conforme o caso (BOYER, 1996).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Dentre os diversos fenômenos sociais existentes, tem-se a violência urbana como um fator de grande importância para análise de certos aspectos que acometem as civilizações contemporâneas, sobretudo de grande preocupação da população. Esta questão suscita diversas abordagens ao que se refere à qualidade de vida, a saúde física e psicológica, e, por conseguinte, à fatores antropológicos e sociais.

Segundo o autor Álvaro de Aquino e Silva Gullo (1998), a violência é um fenômeno social inerente a qualquer tipo de sociedade sendo diferenciada primordialmente pela forma como a mesma se manifesta (seus propósitos) e como ela é vista pela população. Além disso, sua manifestação também revela o tipo de sociedade e o seu significado perante a ela. Tal fato se dá porque ela “denota as características do grupo social e revela o seu significado no contexto das relações sociais.” (p.105).

Nas sociedades primitivas, promove os mais aptos para se tornarmos defensores do grupo. Nas sociedades contemporâneas, consolida estruturas de poder, particularmente as fora da lei sob o controle de grupos organizados como máfias, cartéis ou bandos paramilitares. Nas sociedades democráticas, reflete os limites jurídico-legais da ação determinada pelo pacto social. Quando a violência ultrapassa os parâmetros sociais, recebe as sanções correspondentes, de acordo com os instrumentos institucionais disponíveis (GULLO, 1998. p. 105-106).

Nessa perspectiva apresentada pelo autor, a violência e o seu significado não podem estar sujeitos a simples generalizações, uma vez que pelo contexto na qual a mesma se manifesta, poderá assumir tanto denotações positivas quanto negativas, sendo determinadas pelo contrato social. No entanto, na pesquisa em questão, o objeto de análise se restringirá nas implicações negativas da violência em específico a que é cometida nos roubos, cuja regulamentação se materializa em nosso código penal vigente.

É válido ressaltar que embora seja difundida a ideia de que assalto, roubo e furto sejam sinônimos, para fins judiciais são definições completamente distintas. Segundo o DECRETO-LEI Nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940, no título II, capítulo I, Art. 155 evidencia o furto como a ação de “subtrair, para si ou para outrem, coisa alheia móvel”, ou seja, apropriar-se de algo alheio sem a presença do dono do objeto. Todavia, a definição de roubo presente no capítulo II, Art 157 do mesmo título se configura quando “Subtrair coisa móvel alheia, para si ou para outrem, mediante grave ameaça ou violência a pessoa, ou depois de havê-la, por

qualquer meio, reduzido à impossibilidade de resistência”. Já o assalto é uma definição popular referente ao crime de roubo, frequentemente utilizada pelas mídias.

Segundo o relatório do Índice de Progresso Social (IPS) 2014 da Social Progress Imperative o Brasil está no 11º lugar no rol de países menos seguros. Sendo o 2º país menos seguro do BRICS, cuja África do Sul lidera nesse quesito.

Da perspectiva da saúde, a violência está relacionada, de forma mais acentuada, a distúrbios psíquicos denominados de Transtornos de Estresse Pós-Traumático (TEPT). Estudos mostram que as alterações psiquiátricas mais comuns que ocorrem após eventos estressantes dessa natureza são: depressão, uso abusivo ou excessivo de álcool e drogas, reações agudas ansiosas, fobias e crises de pânico. (MESHULAM-WEREBE et. al., 2003).

Frente ao espaço amostral de 194 sujeitos, na qual foram aplicados os questionários, observou-se 140 (72%) pertence ao sexo feminino e apenas 54 (28%) pertencente ao sexo masculino.



Figura 2: gráfico demonstrando, portanto, que dos 194 indivíduos, 54 eram do sexo masculino e 140 do sexo feminino.

No que se refere à faixa etária notou-se que há uma predominância de pessoas cuja idade varia entre 16 e 25 anos sendo representados por cento e vinte e sete (127) indivíduos. Com uma grande discrepância é seguido por quarenta e nove (49) indivíduos contendo 26-35 anos, treze (13) na faixa de 36-45 e apenas cinco (05) possuindo acima de 45 anos de idade.

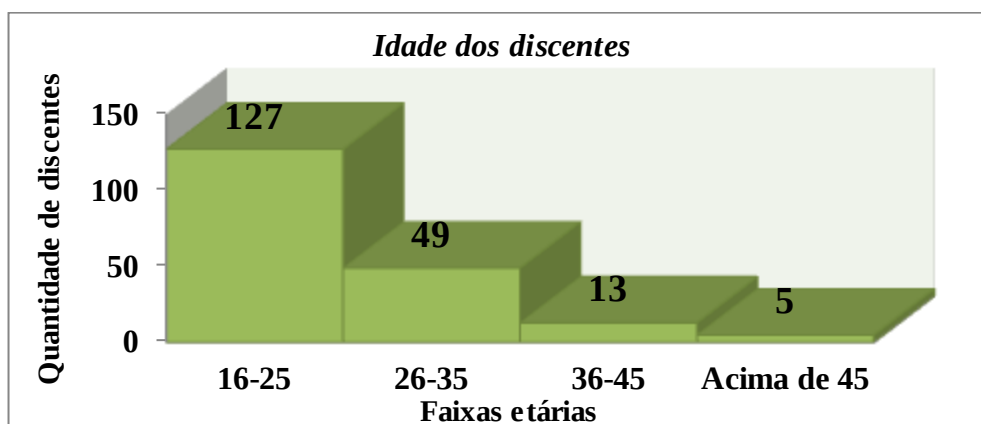


Figura 3: a maioria dos discentes tem entre 16 a 25 anos de idade.

Com relação à disposição dos sujeitos perante aos cursos, os dados mostram que 37% estão cursando Pedagogia, 16% Ciências Biológicas, 15% Matemática, 11% História, 8% Letras, 7% Educação Física e somente 6% no projeto 'Alargando o Funil' (pré-vestibular).

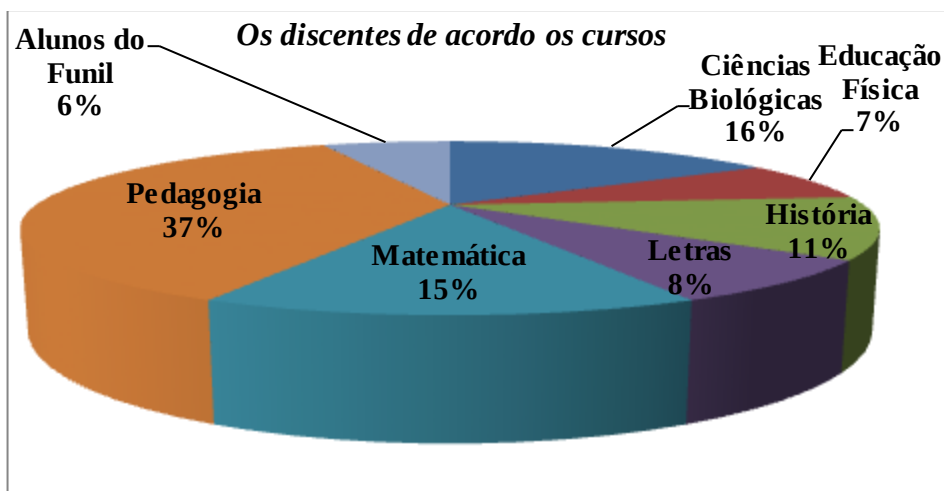


Figura 4: predominantemente a maioria pertencem ao curso de Pedagogia, em seguida da Biologia.

No que se refere aos meios de transportes houve um grande número de indivíduos que decidiram não responder (55 sujeitos). Dos que responderam trinta e oito (38) vão para a Universidade a pé, vinte e três (23) de bicicleta, trinta e sete (37) transporte público, vinte e oito (28) motocicleta e treze (13) pessoas vão de carro próprio.

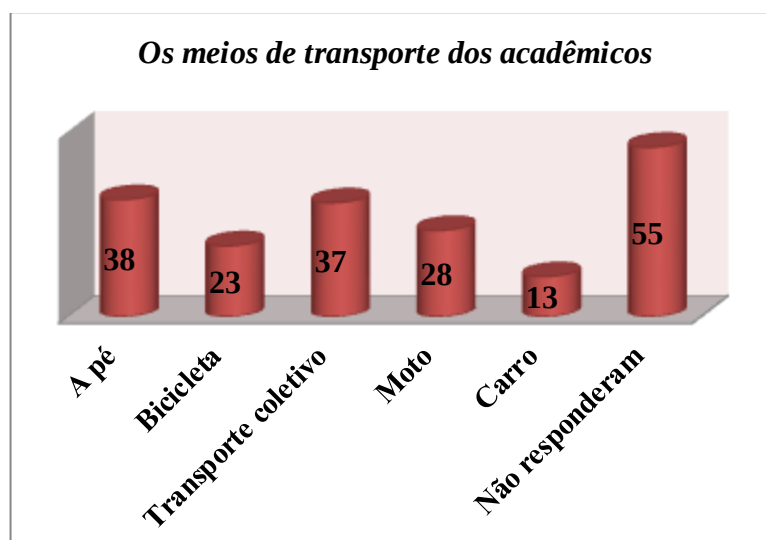


Figura 5: dos que respondeu, a maior parte dos discentes chega à universidade a pé.

Ao serem indagados se tinham ciência de alguém que já tinha sofrido assalto nas redondezas do *lôcus* de pesquisa 78% responderam que sim, enquanto apenas 22% tiveram a

resposta negativa. Tal percentagem evidencia o quão natural e frequente está deficiência na segurança pública, nas proximidades do objeto de estudo.

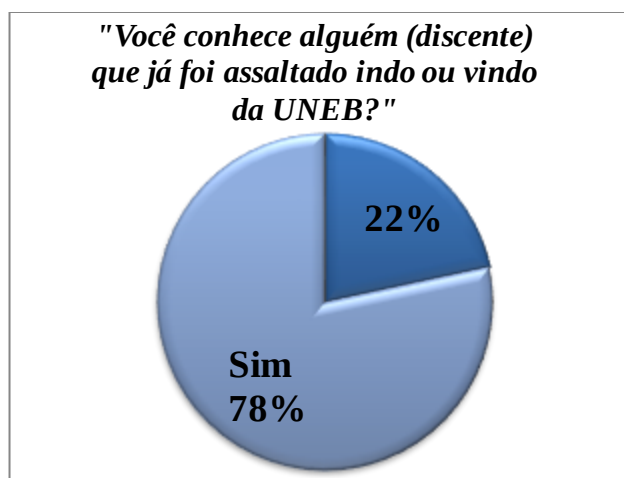


Figura 6: mais de 50% dos alunos conhece alguém que já foi vítima de tal ato de violência.

Corroborando essa ideia, 22% dos sujeitos questionados já foram vítimas de assaltos nas proximidades. Além disso, notou-se que há maior ocorrência no turno da noite, seguido pelo turno vespertino e por último o matutino.

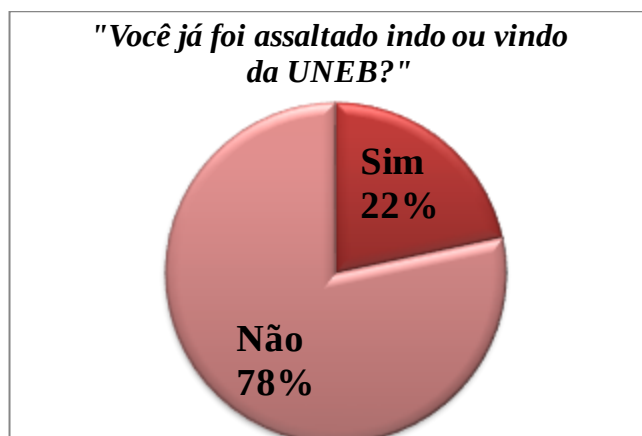


Figura 7: quase 1/3 da comunidade dos discentes já foi vítima destes episódios de violência urbana.

O maior agravante dessa situação é que na maior parte dos casos não há o registro do Boletim de Ocorrências junto à polícia (68% sem registro). É uma situação que mascara o número real de ocorrências; o que pode classificar a zona pesquisada como um local de baixa incidência, uma vez que judicialmente não há um número alto de registros. Além disso, 17% dos sujeitos já foram vítimas de assaltos mais de uma vez.



Figura 8: parte relativamente representativa dos indivíduos desenvolveram algum tipo de problema psicológico.

Como demonstrado no gráfico acima, os episódios de violência urbana, muita das vezes (o que não difere neste caso), estão relacionadas diretamente aos aspectos emocionais dos sujeitos sociais. Percebe-se que mais de 30% dos indivíduos assaltados desenvolveram problemas psicológicos e/ou alterações de humor. Dentre eles, relata-se medo frequente, fobias, insegurança, etc.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nota-se que há uma relação direta da sensação de [in]segurança para com a ocorrência dos assaltos em torno do *campus*. De certa forma, estes episódios de violência interferem na qualidade de vida da comunidade acadêmica – já que muitos desses que foram vítimas dos assaltos, além de se sentirem inseguros, outros desenvolveram algum tipo de complicação psicopatológica (de acordo seus relatos).

Frente à clareza dos dados, compreende-se que há uma carência de políticas públicas efetivas que coíbam estes atos de violência urbana, não somente nas proximidades do *campus* X da UNEB, mas no território do município em geral (tendo em vista as estatísticas apresentadas pelas pesquisas investigadas).

Mediante o estudo, fica-se clara a necessidade da realização de investigações mais abrangentes e complexas para a discussão – e, sobretudo – solução da problemática em questão.

REFERÊNCIAS

ADORNO, S. **O monopólio estatal da violência na sociedade brasileira contemporânea**. Disponível em: <<http://www.nevusp.org/downloads/down078.pdf>>. Acesso em 15 de jun. 2014.

BOYER, C. B. **História da matemática**. Ed. 2. Edgard Blücher, 1996.

CÓDIGO PENAL BRASILEIRO. **Decreto-lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940.**
Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/del2848compilado.htm>.
Acesso em 10 de jul. 2014.

COSTA, M. R. **A violência urbana é particularidade da sociedade brasileira?** São Paulo Perspect. vol. 13, nº 4. São Paulo, 1999.

DENZIN, N.; LINCOLN, Y. **The Sage handbook of qualitative research.** 3 ed. Thousand Oaks, CA, Sage, 2005.

GULLO, Á. A. S. de. Violência urbana: um problema social. **Tempo Social; Rev. Sociol. USP**, S. Paulo, 10(1): 105-119, maio de 1998.

IZUMINO, W. P.; NEME, C. **Violência urbana e graves violações de direitos humanos.** Cienc. Cult. vol. 54, nº 1. São Paulo, 2002.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. de A. **Fundamentos de metodologia científica.** 3.ed. São Paulo: Atlas, 1991.

MESHULAM-WEREBE, D.; ANDRADE, M. G.; DELOUYA, D. Transtorno de estresse pós-traumático: o enfoque psicanalítico. **Psicanálise e Estresse Pós-traumático.** Rev Bras Psiquiatria, 25(Supl I): 37-4, 2003.

MINAYO, M. C. S. **Violência Social sob a Perspectiva da Saúde Pública.** Cad. Saúde Pública, Rio de Janeiro, 07-18, 1994.

MORGAN, D. "Paradigms lost and pragmatism regained". **Journal of Mixed Methods Research**, 1 (1): pp. 48-76, 2007.

RAGIN, C. C.; BECKER, H. S. **What is a case?** Exploring the foundations of social inquiry. Cambridge/New York, Cambridge, University Press, 1992.

TEDDLIE, C.; TASHAKKORI, A. "Major issues and controversies in the use of mixed methods in the social and behavioral sciences". **Handbook of mixed methods in social & behavioral research**, pp. 3-50, 2003.